

A DERIVA NA CONSTRUÇÃO DE UMA PERSPECTIVA ANATÔMICA DA CIDADE

THE DERIVE IN THE CONSTRUCTION OF AN ANATOMIC PERSPECTIVE OF THE CITY

Amanda Pires de Deus Lima
PPGART-UFSM

Resumo

Este artigo tem o objetivo de propor uma perspectiva da cidade enquanto organismo, um espaço pulsante e vivo: um corpo-cidade. Situa-se no campo da arte urbana e apresenta um processo artístico/cartográfico com base na deriva. Foram feitas caminhadas à deriva em um dos bairros com maior privação do uso do território na cidade de Santa Maria, RS, Brasil. A cartografia deleuze-guattariana serviu de metodologia para que fosse construído o processo artístico-teórico, o qual se baseia na percepção, na corpografia e demais consequências. Esta pesquisa resultou em intervenções urbanas de lambe-lambe em 8 bairros da cidade e colabora na construção de ocupações afetivas no urbano.

Abstract

This article proposes a perspective of the city as an organism, a pulsating and living space: a body-city. It is located in the research field of urban art and presents an artistic/cartographic process based on drift. Walks in drift were made in one of the neighborhoods with the major deprivation of territory use in the city of Santa Maria, in Rio Grande do Sul, Brazil. Deleuze-guattarian cartography served as a methodology to construct the artistic-theoretical process, which is based on perception, bodygraphy and other consequences. This research resulted in wheatpaste urban interventions in eight neighborhoods of the city and collaborates in the construction of affective occupations in the urban area.

Palavras-chave:

Arte contemporânea; arte urbana; corpo-cidade; lambe-lambe.

Keywords:

Contemporary art; urban art; body-city; wheatpaste.

Quando nos referimos ao corpo-cidade,¹ conceito que abarca as relações entre aspectos urbanísticos e anatômicos da cidade, é possível tecer relações com um manancial de perspectivas que derivam da geografia, das ciências sociais, do urbanismo e, inclusive, das artes visuais, como no caso do processo em arte a ser abordado. Isso porque, quando se fala de corpo-cidade, é preciso compreender questões que vão desde o uso do território até suas produções de subjetividade e afetividade no tecimento do cotidiano. É o tipo de relação metafórica que pode possibilitar uma aproximação menos impessoal e mais participativa de problemáticas presentes na cidade, tal como sua formação, o desenvolvimento físico e gestão.

Este conceito também é usado para explicitar as privações de uso do território enquanto atrofiamentos do corpo-cidade. Ou seja, parte da perspectiva de “doença”, em que o lugar onde ocorre um problema de exclusão social, como é a privação do uso do território, é entendido como uma parte adoentada no corpo urbano em estado de atrofiamento. Esse termo foi precedido pela palavra “estado” porque é resultado das mudanças específicas do lugar, como se desenvolveu pelas beiradas de ações autônomas de quem lá vive e com poucas modificações significativas de uma prefeitura, mas que podem ter sua funcionalidade e atenção revertidos através de políticas públicas.

O corpo-cidade aqui pode ser compreendido como o conceito que abarca uma perspectiva afetiva do cotidiano material da cidade, mas também atua como ferramenta que ocasiona uma espécie de dissecação do tecido urbano, porque obteve aplicação teórico-prática através da deriva (caminhada sem finalidade de produzir/consumir algo), trazendo dimensões artísticas e subjetivas que pude ter como principais componentes materiais e, principalmente, sensíveis do lugar. Através da proposição da deriva, do modo situacionista, instauraram-se corpografias – a incisão do lugar *pelo* e *no* corpo –, atravessamentos mediados pela experiência do ato de caminhar labirinticamente pela Vila Maringá em Santa Maria, no estado do Rio Grande do Sul, que ocasionou, posteriormente, na realização de intervenções urbanas de *lambe-lambe* em diversos locais do município.

Para que se compreenda mais vastamente o que aqui se propõe como pensamento artístico-teórico a respeito do corpo-cidade, é necessário que algumas considerações sejam feitas. Diante do plano urbanístico contemporâneo, as cidades possuem cada vez mais características similares ou genéricas (Khoolhas, 1995). Isso é resultado do crescimento exponencial de construções imobiliárias e de uma das principais características das cidades-espetáculo: o *marketing*. Não obstante, é um modelo de funcionamento importado da cultura neoliberal europeia, o que não atende necessariamente aos habitantes de cidades brasileiras e suas demandas socioespaciais.

O termo “cidade-espetáculo”, utilizado pela urbanista Paola Berenstein Jacques, é derivado do pensamento do artista situacionista parisiense Guy Debord. Ele comentou em seu célebre livro *A sociedade do espetáculo* (1967) que “o espetáculo é o capital em tal grau de acumulação que se torna imagem” (Debord, 1997, p. 31). As cidades-espetáculo não atendem às demandas da população local, a qual deveria ser preservada, mas sim à lógica de consumo que dita o *branding* da cidade, em função da movimentação turística, beirando a formação de um cenário a ser consumido, e não um lugar a ser vivido. Estes são apontamentos de Jacques (2004), que enfatiza a espetacularização das cidades e como isso repercute negativamente na composição urbana na contemporaneidade.

Evidentemente esta é uma questão mais palpável principalmente em grandes cidades. No Brasil, por sua vez, o *boom* imobiliário é expressivo, tornando-se um dos maiores modificadores da cidade. Os lugares que resistem ao processo de espetacularização, como favelas, Jacques (2004, p. 5) chama de “máquinas de guerra”, pois, apesar de terem sua composição territorial encharcada de desinteresse do planejamento urbano, são lugares que florescem por ter seus moradores como modificadores principais, atendendo às suas demandas de maneira autônoma, porém, resistindo com poucos recursos. Um dos fenômenos decorrentes da espetacularização leva o nome de gentrificação e isso faz com que localidades centrais tenham maior desenvolvimento, frente à população local que, na maioria das vezes, é empurrada para as bordas, por não conseguir acompanhar as modificações do território.

Em uma metodologia de experimentação cartográfica, com fundamentos deleuze-guattarianos, pratiquei a deriva, a dissecação do espaço, identificando atrofiamentos nos espaços causados pela privação do uso do território, fazendo com que eu me inclinasse a alguns caminhos mais que a outros. Experimentando atravessamentos: assim me aproximei e busquei compreender as dinâmicas do território de enfoque nesta pesquisa.

O mote teórico-prático deu-se na identificação dos locais menos alcançados pelo planejamento urbano na cidade, espaços em privação do uso do território, como apresentou Pedro Spode no estudo *Pobreza e privação social na área urbana de Santa Maria, Rio Grande do Sul: uma análise a partir dos usos do território* (2020). Neste estudo, o autor mostra, através da aplicação do Índice de Privação Social (IPS), três dimensões do problema da privação do uso do território, classificados como dimensão educação, dimensão renda e dimensão domicílio-saneamento. A privação do uso do território, partindo destas dimensões, demonstra que pessoas de determinadas regiões do município podem até habitar, mas não usufruir totalmente do espaço, motivo do uso do termo “privação”. É possível visualizar através do mapa (Figura 1) quais regiões da cidade têm seus moradores em maior privação do uso de funções básicas.

Dentre as que estão em situação mais agravada deste estado de atrofiamento, encontra-se a Vila Maringá, o que justifica sua posição enquanto “campo de estudo” nesta pesquisa artística. É o lugar onde foram realizadas as derivas, a construção da cartografia, as apreensões fotográficas e corpográficas.

Após a escolha deste lugar específico, por se tratar de uma das áreas em maior estado de atrofiamento, foi feita a primeira deriva situacionista.

O conceito de deriva está indissoluvelmente ligado ao reconhecimento de efeitos de natureza psicogeográfica e à afirmação de um comportamento lúdico-constructivo, o que o torna absolutamente oposto às tradicionais noções de viagem e de passeio (Jacques, 2003, p. 87).

Por ser um lugar da cidade onde habitei a vida toda, mas que eu jamais havia ido antes, a deriva

foi labiríntica, espontânea e atenciosa. Eu era uma estrangeira-local. Em consonância com a prática da deriva, a metodologia cartográfica foi utilizada na aproximação aberta do local onde eu me inseria, o que me proporcionou uma verdadeira experiência artística e pessoal, no sentido de deixar-me vagar por entre aquelas ruas, sem objetivo nem destino algum senão a própria caminhada em si. Bruna Vicente e Débora Silva (2017) comentam que a cartografia é sinônimo de um contato que gera multiplicidade, ao mesmo tempo em que é passível de modificação constante, e teria como uma de suas “principais características a reflexão das intensidades do objeto, que só são percebidas pelo cartógrafo na duração do estudo” (Vicente; Silva, 2017, p. 4). A metodologia, portanto, demonstrou ter sido essencial para a aplicação nessa pesquisa artística, pois uma prática previamente pensada ou roteirizada não abarcaria tantas possibilidades quanto a cartografia sugeriu.

Na primeira deriva, realizada por volta das 17h30 de um dia de céu aberto, estive com meu amigo Pedro e uma câmera *cybershot*, que me acompanharam nas ruas sem asfalto da Vila. Caminhamos por ruas centrais, onde se localiza a Escola Municipal de Ensino Fundamental Diácono João Luís Pozzobon, ao lado de uma Paróquia e de um campo vazio. Próximo dali, após duas ruas curtas, há outro campo, desta vez com brinquedos de criança. Há concentrações de unidades habitacionais, a maioria delas em situação precária, “marcada pelo déficit de planejamento, com falta de pavimentação nas ruas, iluminação e outros serviços”, como comentaram Spode e Rizzatti (2019, p. 11) a respeito do lugar. O bairro é composto por uma área de 7 km², onde habita uma população de 3.152 (IBGE, 2010).

Após quase uma hora de caminhada livre, deparamo-nos com um grande contêiner azul, onde à sua volta foram despejados móveis quebrados e demais entulhos não-identificáveis a céu aberto. Em meio ao cenário, pessoas chegavam em suas casas quase ao mesmo tempo, pois já passava das 18h30 da tarde. Realizei apreensões fotográficas (Figura 2) e gravações de áudio durante todo o trajeto. A caminhada durou cerca de 70 minutos e então fomos embora.

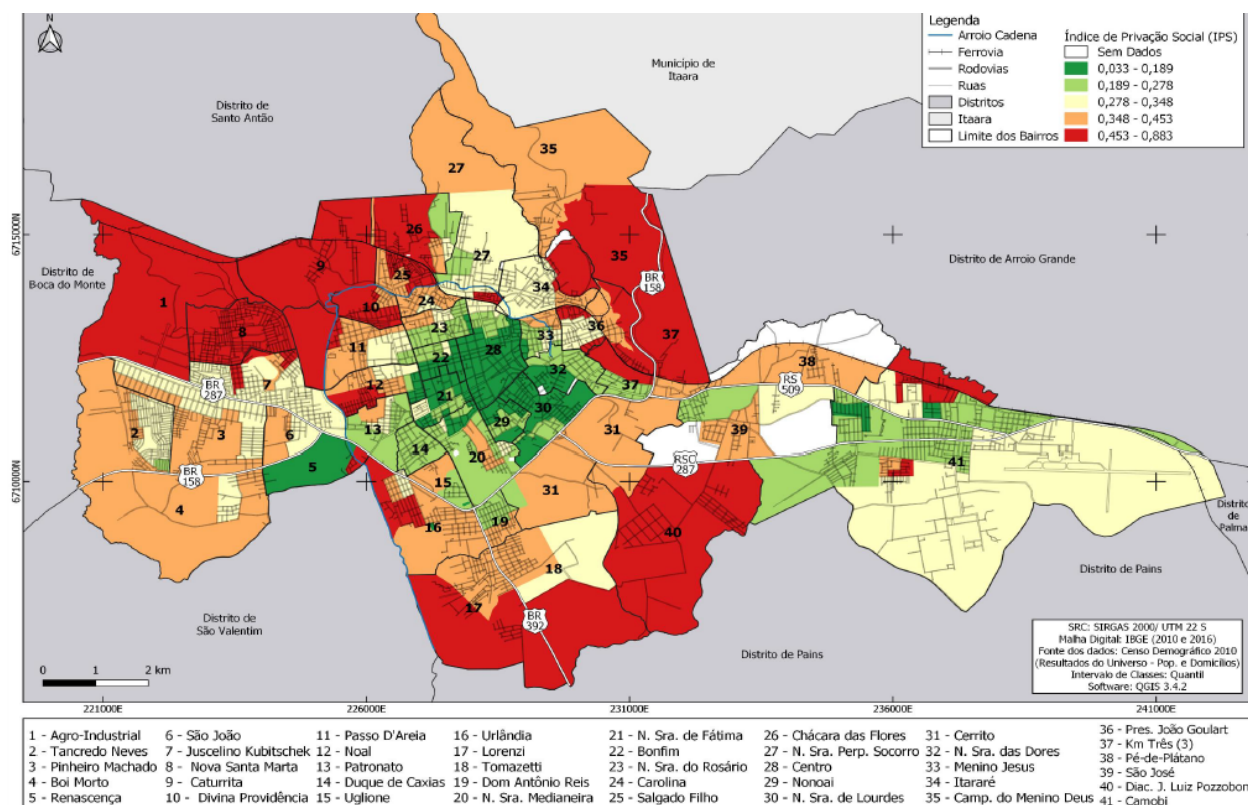


Figura 1 - Mapa da privação do uso do território em Santa Maria (RS), onde a Vila Maringá localiza-se no bairro 40 - Diácono João Luís Pozzobon.
Fonte: Spode (2020).



Figura 2 - Apreensões fotográficas da deriva.
Fonte: Arquivo pessoal da artista.

Após cerca de duas semanas, retornei à Vila, desta vez mais familiarizada, porque já havia caminhado por boa parte daquele lugar. Foram mais duas visitas, onde além das fotografias, conversei com algumas pessoas que lá habitam. A maior queixa das pessoas com quem tive contato era sobre a ausência de pavimentação adequada. Segundo uma moradora, lá eles “comem terra”. Além disso, foi relatado que parte dos moradores fica por horas sem acesso à água, algumas vezes por semana. Estes relatos e demais fragmentos apreendidos naquele lugar corroboraram para o desenvolvimento visual das intervenções que eu pretendia realizar na cidade, a fim de dar visibilidade ao local específico da Vila Maringá, em primeiro lugar, mas também às demais localidades que possam estar em estado de atrofiamento e são negligenciados na mesma escala. Privações desse tipo são um problema social, mas poderiam ser gradativamente resolvidas com a presença de gestores através de um levantamento de demandas singulares do espaço, em prol dos direitos básicos de seus habitantes.

Nos meses seguintes, trabalhei com a efervescência de visualidades e texturas que me acometiam no processo artístico, revisitando constantemente minhas anotações, rascunhos de desenhos da arquitetura do lugar, fotografias e relatos que ecoavam em minha cabeça. Foram realizadas duas séries de intervenções artísticas, *Histologia Urbana* (2023) e 29°42'56"S-53°45'48"O (2023-2024), a primeira colada em um espaço da Vila Maringá e a segunda por oito bairros distintos da cidade, julgados como espaços de trânsito.

Em *Histologia Urbana* (2023) (Figura 3), série que contou com um tríptico de lambe-lambes, foram hibridizadas imagens que compuseram o processo de aproximação da visualidade de cunho anatômico, a maioria foi coletada no *Atlas Fotográfico de Anatomia* (Rohen; Yokoshi, 1989), com fragmentos de fotografias apreendidas na Vila. No trabalho artístico em questão, que tem como proposta nuclear a noção de *dissecação urbana* sugiro, através da obra, uma análise de estruturação poética deste membro em atrofiamento (Vila Maringá), resultando nas intervenções urbanas que combinaram imagem e textos expostos em região central da própria vila.

Remetente à prática em laboratório de corte

histológico é possível visualizar dimensões microscópicas de um pedaço de membro ou órgão, em função de uma melhor compreensão propiciada por biópsia. Em outras palavras, é cortado um pedaço de tecido para que seja analisado com maior facilidade com ajuda do microscópio. De forma similar a tal prática, a caminhada em um “membro-lugar” – a Vila – que apresenta seus próprios fluxos funcionais, teve parte apreendida/capturada para depois ter outra perspectiva, de cunho poético. Paralelos ao uso das imagens, os textos que as acompanham foram inseridos para que houvesse contextualização das mesmas. São pequenos textos que comentam brevemente como cada dimensão do corpo-cidade pode ser interpretado, sendo elas: *Célula* (Figura 4), *Corpo* (Figura 5), e *Órgão* (Figura 6); respectivamente cidade, lugar e habitante.

A edição e hibridização das imagens foram realizadas no *software* Photoshop CC 2019, por meio de recortes, sobreposições e mudanças de transparência. Para as impressões foi solicitado papel tamanho 84,1 cm x 118,9 cm com impressão a *laser*, pois tem maior durabilidade diante das intempéries do tempo. Para a colagem das obras foi utilizada cola branca industrializada, um rolinho largo e um amigo para ajudar a segurar algumas partes do papel e ajustes de posição.

Em visita posterior ao local, para realizar mais apreensões fotográficas para a próxima série e também entender como o material se comportou após algumas chuvas e ondas de calor, me deparei apenas com resquícios de papel. Eles já faziam parte da materialidade daquela parede. Porém, as imagens coladas haviam sido arrancadas, e as partes que sobraram, deterioradas. Em intervenções de arte urbana, a obra passa a não ser mais de quem a projetou e materializou, mas sim de todo o corpo urbano, de qualquer pessoa. É exposta ao tempo, o que a torna passível de modificações e deterioração.

Esta série foi realizada somente na Vila Maringá, pelo motivo de que o “corte histológico” proposto por mim deveria ser colocado no local onde foi apreendido e coletado. Já na série seguinte, 29°42'56"S-53°45'48"O (2023-2024), que desenvolvi pensando na ideia de contágio, segundo Elias Maroso (2014), pude espalhar pela cidade de Santa Maria alguns dos *órgãos urbanos* criados,



Figura 3 - Série Histologia Urbana (2023). Intervenção urbana na Vila Maringá, em Santa Maria (RS).
Fonte: Arquivo da artista.



Figura 4 - Obra *Célula*, da série Histologia Urbana (2023).
Fonte: Arquivo pessoal da artista.



Figura 5 - Obra *Órgão*, da série Histologia Urbana (2023).
Fonte: Arquivo pessoal da artista.

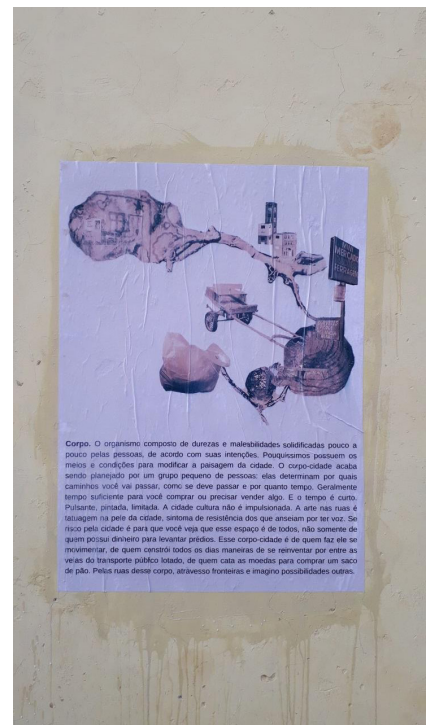


Figura 6 - Obra *Corpo*, da série Histologia Urbana (2023).
Fonte: Arquivo pessoal da artista.

visualidades também em lambe-lambe. Foram acoplamentos de fragmentos das fotografias coletadas nas derivas na Vila Maringá, as quais formaram um imenso volume de visualidades – como esperado. Nas composições da série, cada pedaço é anexado ao outro, formando órgãos de resistência, cotidianidades e improviso.

As apreensões fotográficas passaram pelo processo de recorte/desmembramento no Photoshop CC 2019, para que pudessem ser extraídas de suas peculiaridades do lugar, pedaços que o compõem e o faz ser o que é, mas que são aspectos das formas de existência ali presentes. Após tratamento por meio de *software*, foram dimensionadas para no mínimo 1 metro, a fim de ampliar a visibilidade de detalhes.

Os carros, postes, casas, animais, pessoas e dimensões urbanísticas são acoplados e formam o que chamo de órgãos urbanos. A ideia dos órgãos urbanos é relacionada ao conceito de Corpo sem Órgãos (CsO) de Deleuze e Guattari. Lucas Dilacerda comenta:

o corpo sem órgãos “é um exercício, uma experimentação [...] Não é uma noção, um conceito, mas antes uma prática, um conjunto de práticas”. O corpo sem órgãos não é algo a ser interpretado, mas sim experimentado, ele é uma prática, por isso ele é uma ética, ou seja, um modo de existência e um modo de vida, uma lógica desejante e uma maneira de desejar, ele é criado por meio de um conjunto de práticas, “você faz um” (Dilacerda, 2021, p. 319).

A prática de um CsO sugere a criação de desejos por meio da criação visual de subjetividades em acoplamento. “O desejo é construção, é criação, não falta”, como explicita Pasqualino Magnavita (2008, p. 12). Criar formas de transformar o espaço da cidade através da arte, como vai de encontro a esta pesquisa, condiz com um dos três tipos de CsO classificado por Deleuze e Guattari: o CsO pleno, elencado ao tipo revolucionário. Esse tipo é relacionado à potência do desejo de alegria, de “abrir o corpo a conexões” (Deleuze; Guattari, 2012, p. 25). Diferencia-se dos outros dois, que são o CsO vazio do suicida e o CsO canceroso do fascista, tendo em vista que o primeiro o esvazia em vez de preenchê-lo e o segundo é o processo

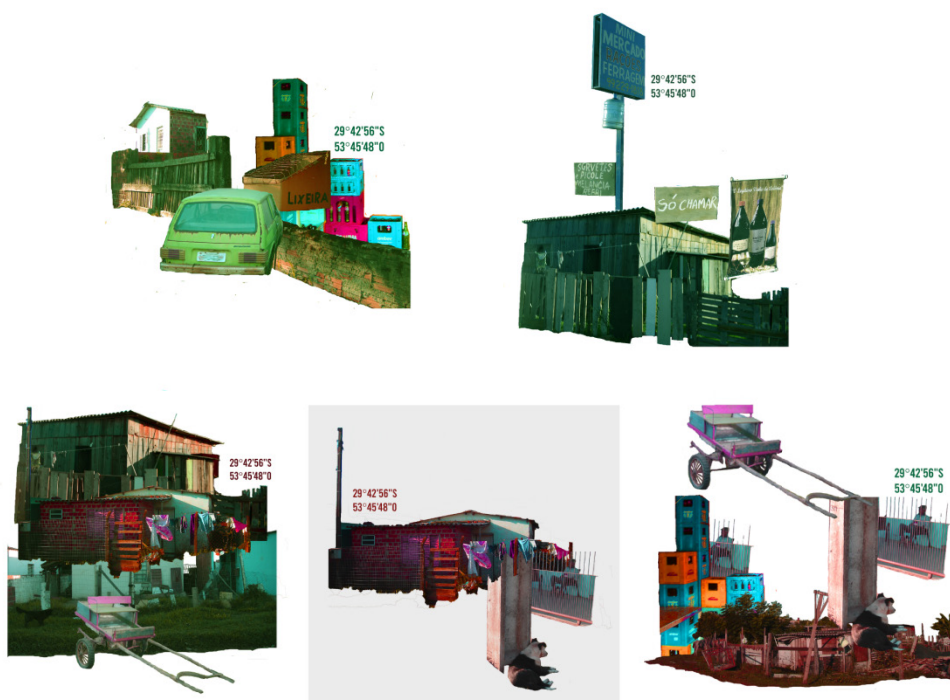
de “desestratificação reestratificante” (Dilacerda, 2021, p. 323), ou seja, enviesa modos de desejar e como desejar, e não experimentar intensidades.

No que diz respeito à série em discussão, o desejo é criação de um processo ligado à ideia de corporeidade, mas que igualmente busca a construção de formas de ocupação artística da cidade em prol da visibilização de problemáticas desenvolvidas no seio do próprio planejamento urbano. O CsO é um campo de imanência que transborda resistência e que demonstra a necessidade diária de ações e manutenções microsociais no tecido da cidade. A intervenção artística com o lambe-lambe, neste caso, é também uma ação microsocial. A série é composta por cinco órgãos urbanos diferentes (Figura 7 e 8) que foram colados com a técnica do lambe-lambe.

O contágio visual dos lambe-lambes disseminados pelo território da cidade é parte da ação artística de cunho microsocial proposta, visando explicitar decorrências de privação em um espaço específico, que também pode ser evidente em diversos territórios, mas em outros formatos.

Em 29°42'56"S-53°45'48"O a deriva foi utilizada também para a escolha do ponto específico de intervenção em cada bairro. Fiz caminhadas labirínticas com os olhos e ouvidos atentos a cada possibilidade de rompimento com a paisagem na qual transitava. Optei por sair sem ajudante desta vez, no período diurno em horários comerciais de dias de semana, por julgar que nessas lacunas de tempo transitam menos pessoas. Além disso, a busca pelos muros onde eu interferiria artisticamente tinha como critério a visibilidade. Assim, em passos leves e sutis, da mesma forma que realizei a deriva na Vila Maringá, a realizei também nestes bairros, a fim de encontrar os pontos e momentos certos onde eu deveria interferir.

No geral, todas as intervenções feitas ocorreram de maneira tranquila, mesmo que se possam esperar reações diversas de pessoas que ocasionalmente possam questionar minha presença e ação ali. Houve olhares curiosos, até mesmo encarados, mas com o passar das intervenções obtive também mais agilidade e precisão na hora de colar os lambe-lambes, tornando o ato cada vez mais prático e veloz.



Figuras 7 e 8 - Órgãos urbanos da série 29°42'56''S-53°45'48''O (2023-2024).
 Fonte: Arquivo pessoal da artista.



Figura 9 - Lambe-lambe da série 29°42'56''S-53°45'48''O colado no Centro de Santa Maria (RS).
 Fonte: Arquivo pessoal da artista.

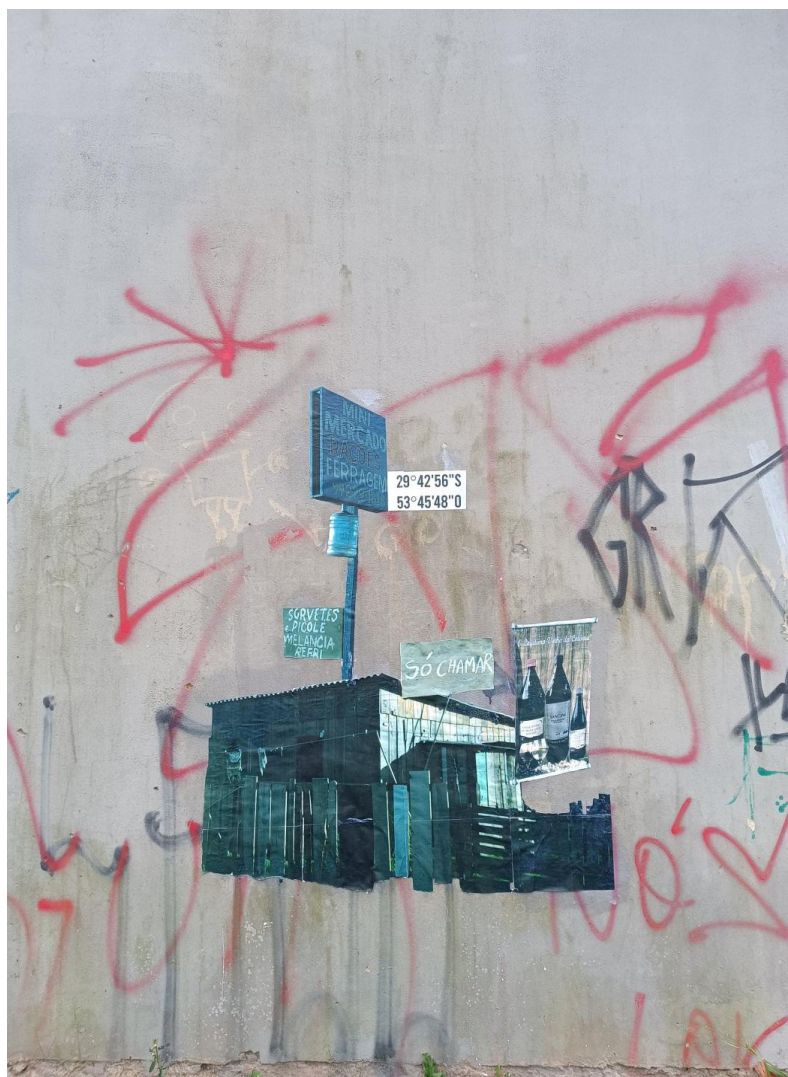


Figura 10 - Lambe-lambe da série 29°42'56''S-53°45'48''O colado na Cohab Fernando Ferrari, em Santa Maria (RS).
Fonte: Arquivo pessoal da artista.



Figura 11 - Lambe-lambe da série 29°42'56''S-53°45'48''O colado no bairro Bonfim, em Santa Maria (RS).
Fonte: Arquivo pessoal da artista.

Em conclusão, foi possível vislumbrar como as derivas ocasionaram em visualidades disseminadas através dos lambe-lambes colados em Santa Maria (RS). A proposta de dar visibilidade a espaços em estado de atrofiamento, elencada à prática da deriva situacionista, foi realizada por meio das colagens, em ações microssociais de finalidade artística.

As dimensões da privação do uso do território podem ser diversas, coube a esta pesquisa investigar apenas uma parcela palpável. Durante a pesquisa, desafios foram identificados, alguns por mim abraçados. Trabalhar com a poética visual nos cantos da cidade exigiu imposição de autonomia e de cidadania, pois ainda é incomum a noção de que cidadãos podem modificar o plano coletivo da cidade, sendo considerado até mesmo uma conduta marginal, imprópria e depredatória.

A posição na qual me coloquei diante da presente pesquisa artística, realocou-me para fora de qualquer zona de conforto que eu possa ter criado ao longo dos anos anteriores – no sentido da criação e exposição de arte –, sendo essencial para crescimento dentro do campo das artes e em dimensões individuais. São várias as camadas de desprendimento e presença que compõem as ações aqui adotadas. Foram inúmeros passos pelas ruas, incontáveis possibilidades de expressar a poética pretendida para o âmbito do processo dentro e fora de si. A ação e a causalidade guiaram trajetos novos para serem experienciados.

REFERÊNCIAS

DEBORD, Guy. **A sociedade do espetáculo**. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Felix. **Mil Platôs – Capitalismo e esquizofrenia**, v. 1. Rio de Janeiro: Editora 34, 2000.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Felix. Como criar para si um Corpo sem Órgãos? In: **Mil Platôs: Capitalismo e Esquizofrenia 2**, v. 3. São Paulo: Editora 34, 2012.

DILACERDA, Lucas. Corpo sem órgãos e esquizoanálise em Deleuze e Guattari. In: **Lampejo**, Fortaleza, v.10, n.1, p. 318-325, 2021. Disponível

em: <http://revistalampejo.apoenafilosofia.org/edicoes/edicao-19-vol_10_n_1/dossieVol10n1/D10_Corpo_sem_%C3%B3rg%C3%A3os_e_esquizoan%C3%A1lise_em_Deleuze_e_Guattari_-_Lucas_Dilacerda.pdf>. Acesso em: 8 jun. 2024.

IBGE. **Censo Demográfico de 2010**: Resultados do Universo. Rio de Janeiro: Centro de Documentação e Disseminação de Informações, 2010.

JACQUES, Paola. Berenstein **Apologia da deriva**: escritos situacionistas sobre a cidade. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2003.

JACQUES, Paola Berenstein. Espetacularização urbana contemporânea. **Cadernos PPG-AU/FAUFBA**, v.2, n.1, p. 23-30 2004. Disponível em: <<https://periodicos.ufba.br/index.php/ppgau/article/view/1684>>. Acesso em: 11 jun. 2024.

KHOOLHAS, Rem. **S, M, L, XL**. Nova York: The Monacelli Press, 1995.

MAGNAVITA, Pasqualino Romano. Corpo sem Órgãos / Cidade / Devires-outros. **Re[dobra], Cidade como campo ampliado da arte**, Salvador, v.1 n. 3, 2008. Disponível em: <http://corpocidade.dan.ufba.br/dobra/03_02_artigo.htm>. Acesso em: 11 jun. 2024.

MAROSO, Elias Edmundo. **Contágios poéticos no espaço**: por ações no contexto urbano. Dissertação (Mestrado em Artes Visuais), Instituto de Artes Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2014. Disponível em: <<https://repositorio.ufsm.br/handle/1/5222>>. Acesso em: 11 jun. 2024.

ROHEN, Johannes; YOKOCHI, Chihiro. **Anatomia humana**: atlas fotográfico de anatomia sistêmica e regional. São Paulo: Editora Manole Ltda, 1989.

SPODE, Pedro Leonardo Cesar. **Pobreza e privação social na área urbana de Santa Maria, Rio Grande do Sul: uma análise a partir dos usos do território**. Dissertação (Mestrado em Geografia), Universidade Federal de Santa Maria. Santa Maria, 2020. Disponível em: <<https://repositorio.ufsm.br/handle/1/20536>>. Acesso em: 11 jun. 2024.

SPODE, Pedro Cesar; RIZZATTI, Maurício. A história

do bairro Diácono João Luís Pozzobon, Santa Maria, RS, através de mapas: uma atividade prática com alunos do ensino fundamental. In: BATISTA, Natália Lampert; RIZZATTI, Maurício (org.). **O ensino de geografia na contemporaneidade:** práticas e desafios. Rio de Janeiro: Dictio Brasil, 2019.

VICENTE, Bruna; SILVA, Débora. **A cartografia de Deleuze e Guattari como metodologia de pesquisa.** Anais do IV Congresso de Ensino, Pesquisa e Extensão da UEG, 4. Pirenópolis, 2017.

SOBRE A AUTORA

Amanda Pires de Deus Lima é mestra em Artes Visuais pelo PPGART da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). Doutoranda em Artes Visuais (PPGART-UFSM), com ênfase em Poéticas Visuais, na linha de pesquisa Arte e Transversalidade. E-mail: amandamaliss@gmail.com

Recebido em: 18/9/2024

Aprovado em: 9/7/2025